

Aqui começa a história do mito do Graal e o seu significado para o movimento do Graal nestes tempos, o movimento internacional do Graal, nestes tempos muito particulares para a nossa história global. A primeira coisa a saber e compreender é que existe uma controvérsia sobre o quanto os antigos fundadores, que deram nome ao Graal, sabiam sobre todo o significado do mito do Santo Graal. Será que conheciam o contexto histórico? Será que sabiam as origens de onde ele veio? Será que leram algum dos textos originais?

Não temos bem a certeza disso. As pessoas têm versões diferentes do que havia neste nome que nos foi dado na década de 1920. Podemos pôr tudo isto de lado por ora e explorá-lo à nossa maneira e para o nosso próprio propósito. Pois sabemos sem dúvida que durante a evolução do nosso movimento importantes temas e símbolos deste mito foram integrados à nossa identidade Graal. Fazemos referências constantes à viagem ou à missão, que é afinal o elemento principal do mito.

O cálice do Graal está sempre presente nos nossos rituais do Graal, este é o principal símbolo do mito do Graal. A preferência é sentarmo-nos em círculos ou numa mesa redonda quando nos encontramos. A mesa redonda foi a comunidade a partir da qual os buscadores do Graal começaram. O nosso compromisso fundamental com a transformação está no centro da mensagem do mito. Todas estas relações com o mito do Graal apontam para um encaixe natural entre a nossa visão coletiva e o mito que nos dá o nosso nome.

No entanto, há alguns de nós que estudaram o mito. Explorando a riqueza e profundidade das suas origens, significados, ressonâncias simbólicas e potencial relevância. Não apenas pelo nosso movimento, mas pelo nosso mundo nesta junção histórica. Ou como o nosso fundador original, Jac Van Ginneken, teria chamado: "neste cotovelo de tempo".

Aqueles de nós que planejam estas sessões esperamos poder aprofundar o entendimento coletivo sobre este mito, este mito que nos deu o nosso nome. Também aprofundar nossa relação com os símbolos e temas para que eles possam continuar a emergir e ser complementados em nossas orações e rituais.

A primeira coisa a ser esclarecida é o significado da palavra "mito". Ela é usada de várias maneiras e muitas vezes a palavra mito é usada para indicar que algo não é verdade, que é uma mentira, ou uma fantasia. A maneira como usamos o mito aqui, em relação ao Graal, e em seus entendimentos mais profundos em qualquer contexto, é que um mito é uma maneira de entender a verdade mais profunda que temos. Ela é tão profunda e tão presente tanto em nossa consciência quanto em nosso subconsciente. É tão parte de nós como um povo e como uma cultura que não podemos nem mesmo falar sobre isso racionalmente, mas temos que entendê-lo através de histórias, símbolos e experiências. Este é o significado da palavra mito quando nós a usamos aqui. Muitas vezes o mito também está ligado às chamadas lendas, histórias que podem ou não ser verdadeiras ou ter partes verdadeiras e partes fictícias. Mas por alguma razão estes são contos e lendas que sobreviveram ao passar da história, por séculos, mantendo o significado para um povo, tornando-se naquele ponto os chamados mitos.

Outra coisa a saber sobre os mitos é que são absolutamente fundamentais para a vida de uma comunidade. Todas as comunidades inevitavelmente desenvolvem seus mitos. São

estas narrativas simbólicas essenciais que dizem às pessoas quem elas são, de onde elas vêm e porque elas permanecem juntas. Mesmo dentro de nossa comunidade Graal atual, desenvolvemos narrativas que eventualmente se tornarão mitos enquanto falamos sobre nossos fundadores, as histórias, as dificuldades e a busca heroica em que eles tiveram que se engajar para criar o Graal em seus países.

Os mitos são então criados coletivamente ao longo do tempo. Eles se tornam uma história que pode manter as pessoas unidas e mostrar-lhes o significado de estarem juntas. Em geral, quando há um mito, existe também um ritual. Os elementos de nossa história e nossa compreensão de nós mesmos neste nível mítico e simbólico precisam ser representados. E como eles são representados é através do ritual.

A coisa mais importante para começar quando falamos sobre suas origens é entender que é um mito realmente ocidental e especificamente europeu em seu início e sua evolução. Assim, quando falamos sobre o início e sua evolução, há muitas referências à história europeia, com a qual nem todos no Graal estão familiarizados. Então eu quero começar dizendo que eu não sei o quanto as pessoas sabem, e eu farei o meu melhor para explicar da maneira mais simples possível. Mas se houver alguma pergunta, curiosidade ou interesse em saber mais, você pode anotar as perguntas para que possamos aprofundar alguns tópicos e respondê-las após o término das gravações. Isto vale para toda a gravação. Só para ficar claro, há uma oportunidade de fazer anotações sobre coisas com as quais você não está familiarizado, algo que você quer saber ou obter mais informações a respeito.

Com isso em mente, eu vou começar dizendo que o mito vem de antes de existir a escrita. Vem de uma época em que as histórias eram comunicadas pela tradição oral. Isso ainda é verdade em muitas culturas. A tradição oral é muito importante. Sempre foi importante em todas as nossas histórias ao longo dos tempos. E em alguns lugares este ainda é o caso. O contador de histórias pode desempenhar um papel muito importante na vida de um povo e de uma cultura. Esta foi a principal maneira como o mito do Graal foi espalhado no início, pelos chamados bardos. Hoje em dia se traduz para a palavra poeta, mas os bardos usavam mais do que apenas palavras, eles usavam muita música e performances para suas apresentações. As histórias bardas mais antigas eram relacionadas ao Rei Artur, uma figura mitológica, junto com seus cavaleiros. A ideia principal era que este rei Arthur e seus cavaleiros tinham uma espécie de reino perfeito no qual era feito um esforço por parte do rei e seu povo para viver uma vida boa e justa. Essa era a sua visão, e era isso que ele queria comunicar. Foi dessa mitologia que nasceu o mito do Graal. Há aqueles que dizem que o mito nasceu entre 500, 600 ou 700 DC. Isto pode até ser considerado pré-histórico, no sentido de que não existe uma história definitiva durante esse tempo. Houve um tempo em que um grupo de pessoas conhecidas como os Celtas, e o povo do mundo Celta, habitavam principalmente o que hoje são as Ilhas Britânicas, o Reino Unido, a Irlanda, e partes da Europa Ocidental, especialmente a França. Todos esses lugares faziam parte de um mundo que tinha sua própria língua e história celta e tradições que haviam sido transmitidas. Eles são pessoas interessantes dignas de serem estudadas até mesmo separadamente. Mas para nosso propósito aqui nós devemos saber que este foi o contexto no qual o mito surgiu. Alguns dizem que veio de um ritual ainda mais antigo, nem mesmo uma história, mas rituais que eram realizados entre essas pessoas para garantir a fertilidade a cada ano na terra.

Tinha certos símbolos, e entre eles havia um tipo de recipiente do qual fluía a abundância. É este antigo ritual de fertilidade que incluía o rei e a suma sacerdotisa e os símbolos que vinham deles, o vaso, as águas fluindo, a fertilidade. Esses são os elementos que eventualmente se misturaram para formar as lendas arturianas. O que então se tornou o mito do Santo Graal, que chegou à forma escrita por volta de 1175. Esse é o primeiro vestígio de uma narrativa escrita baseada no Graal que surgiu. Pode ter havido algumas antes. Se houve, elas foram perdidas. 1175 é a mais antiga. Foi escrito por um homem chamado Chretien de Troyes, me perdoe se eu a pronuncio mal, como é em francês. A narrativa é chamada de Le Conte du Graal. Tornou-se o texto base para todas as outras histórias escritas do Graal que vieram depois. Por boa ou má sorte, uma das razões pelas quais o mito continuou e deu origem a tantas outras histórias, foi que o autor, Chretien de Troyes morreu antes que pudesse completá-lo.

Além do fato de que era uma história tão encantadora para as pessoas, uma história mágica. Nela tinha pessoas que podiam mudar de forma e coisas que podiam aparecer e desaparecer. Também falava de mulheres como pessoas que poderiam obrigar os homens a fazer todo tipo de coisas que eles normalmente não fariam. Também falava sobre homens heroicos e o que significava heroísmo. O que era ser um bom cavaleiro? Falava de todas essas coisas que cativavam as pessoas. Quando Chretien morreu e a história não estava completa, outros assumiram o controle, porque era uma história muito popular e eles tinham suas próprias visões e imaginações sobre como a história iria terminar ou como ela deveria continuar. Nos próximos 50 anos, aproximadamente, a maior parte das histórias sobre o graal que consideramos hoje como sendo as originais surgiram. Elas surgiram da França e da Alemanha. Elas também foram influenciadas por histórias vindas de outras partes do mundo.

O mito do Graal surge na época das cruzadas. Durante as Cruzadas, houve contato constante entre os chamados Cavaleiros Templários e o Oriente Médio. O Oriente Médio, como é sabido, continha uma civilização muito avançada, e tinha contato com outras partes do mundo, incluindo o Extremo Oriente e a África. A extensão das influências sobre o mito pelas histórias que vieram para a Europa do contato com o Oriente Médio também é um grande problema entre os estudiosos. Ao mesmo tempo, na Espanha e em Portugal, houve uma mistura de culturas com o Oriente Médio, judeus e cristãos. Esses foram tempos em que essas culturas viviam de forma relativamente pacífica. E esses também tiveram sua influência sobre o mito e sua evolução durante esses 50 anos. Todas as histórias que foram criadas não eram as mesmas. Elas possuíam várias abordagens narrativas para contar o mesmo conto sobre esta grande busca por este grande dom que poderia mudar a vida e a alma de alguém.

Estas histórias tinham muitas maneiras de mostrar sua perspectiva da vida e como ela aconteceu e a natureza da mudança. Eventualmente é possível identificar três correntes narrativas. Uma delas é a corrente celta, que eu já descrevi brevemente. Não se tratava de uma crença na vida após a morte. Os Celtas tinham um caminho de vida que não era direto e linear, mas cíclico. A vida existia como um ciclo que constantemente voltava e se repetia. Também era muito mágico. O tempo tinha muitas camadas, e podia-se passar por intervenções de forças que são incompreensíveis para nós, através da intervenção de elementos mágicos que podiam nos mover através do tempo e do espaço e que tornavam

possível que um castelo desaparecesse e aparecesse, e as pessoas de repente estivessem presentes e existissem em tempos diferentes do que estavam antes. Foi isso que a corrente celta trouxe para a narração das histórias do Graal.

Essas histórias eram tão cativantes para as pessoas na Europa que chamaram a atenção da Igreja, preocupando-as com a possibilidade das pessoas se perderem no que se refere às ideias e teologia da Igreja. Então, eles alegremente se inspiraram em alguns desses elementos para criar a versão cristã do mito. Estas versões cristãs começaram a trazer a ideia de que o cálice do Graal não era uma fonte de fertilidade, mas o cálice do qual Jesus bebeu na Última Ceia e seus discípulos beberam de seu sangue. Também falava sobre como os discípulos tinham suas próprias vidas depois de Jesus, além do que é conhecido nos Evangelhos, e como eles fundaram uma maneira de divulgar as coisas que aprenderam durante o tempo de Jesus. Agora trazido para a Europa como parte do mito.

Depois houve uma terceira corrente, a corrente alquímica, resultante principalmente do trabalho do autor Wolf von Eschenbach. Sua narrativa não era exatamente como a dos celtas, ele tinha outra versão de toda a magia e pensamento mágico, incluindo aspectos como alquimia, astrologia, numerologia, filosofias taoístas da Índia e da China, a Kabbalah, que refletia alguma da influência vinda da Espanha e Portugal. Tinha também outra maneira de entender o significado do mito e as formas pelas quais ele poderia transformar as pessoas.

Como era a vida na Europa naquela época? Foi uma época realmente turbulenta. Não é diferente da nossa. Foi uma época de tremenda agitação social e conflito político. Tempos de fervor religioso. Basicamente, Europa pós-milênio. Assim como nós vimos o milênio passar há 20 anos. As pessoas imaginavam que todos os tipos de grandes mudanças poderiam acontecer. Mas na verdade, como aconteceu em nosso próprio tempo, as mudanças puderam ser boas ou ruins, e não necessariamente trazer o que as pessoas esperavam, mas naquela época, havia também o fervor religioso, com o qual as pessoas começam a buscar algo mais do que aquilo que já sabiam. Naqueles tempos nasceu o mito do Graal.

Havia todos os tipos de movimentos espirituais, incluindo São Francisco, e o movimento franciscano, que era um desafio para a igreja institucional, até que ela foi incorporada. Mas quando surgiu, foi provocador como muitos outros movimentos que estavam surgindo naquela época. Como resultado de tudo isso, houve também as inquisições e todos os horrores que eles trouxeram em muitas partes da Europa. Durante este período, há especialistas que dizem que a Europa estava à beira de uma espécie de revolução espiritual capaz de trazer resultados diferentes. Que este mito surgiu simultaneamente com este contexto social pode ter sido uma chave para esta nova espiritualidade, uma influência para esta espiritualidade e também uma releitura do sonho de uma outra maneira de entender o que era a vida espiritual e a religião. Esta chave está intimamente ligada à emergência do indivíduo, porque o contexto dos tempos era institucional, com um sentido coletivo, onde as pessoas seguiam um grupo. Mas vemos agora uma era na qual o indivíduo, por muitas razões, não apenas emanando do Graal, era um dos jogadores no entendimento da importância da vida e da alma do indivíduo. Assim, dentro do mito do Graal, vê-se que a jornada leva o buscador a um caminho de purificação, purificação pessoal através de uma

experiência de compaixão e esclarecimento que pode, conseqüentemente, levar o buscador a ter um encontro individual com Deus e o divino.

Eu gostaria de contar a história básica do mito do Graal, mas isso levaria muito tempo para passar por todas as diferentes maneiras que esta história foi contada. Nós temos que resumir isso a alguns elementos básicos da história básica para começar a analisá-la. Há quem diga que uma das melhores versões e reflexões sobre o mito do Graal vem de Emma Young e Marie Louise Von Franz, duas psicanalistas muito destacadas e pessoas que analisaram a psique humana, incluindo mitologia, simbolismo e como estes funcionavam na psique humana.

Então eu vou ler diretamente da versão dela da história básica do Graal, que vem do livro que ela escreveu com Marie Louise Von Franz chamado "The Legend of the Grail". A história é conhecida por todos, pelo menos de uma forma geral. Um objeto ou recipiente misterioso que preservava a vida e armazenava substância é protegido por um rei em um castelo que é muito difícil de encontrar. O rei está doente ou coxo e toda a terra ao redor do castelo está devastada.

O rei só poderia ser curado se um cavaleiro de excelência encontrasse o castelo e a primeira coisa que ele fizesse quando visse o que está acontecendo fosse fazer uma pergunta específica, se ele não fizesse a pergunta, tudo ficaria como está e o castelo desapareceria. O cavaleiro tem que começar a busca de novo. Se ele finalmente tiver sucesso em sua busca depois de muitas andanças e aventuras para encontrar o castelo novamente e fazer a pergunta certa. O rei será curado, a terra se tornará fértil e o herói se tornará o guardião do Graal a partir de então.